

VIVER E MORRER NA PESTE

# EPIDEMIA NA HISTÓRIA

Fábio Vergara Cerqueira  
Gunter Axt  
Renata Brauner Ferreira  
(Orgs.)

**VIVER E MORRER NA PESTE**  
**EPIDEMIA NA HISTÓRIA**

**FÁBIO VERGARA CERQUEIRA**  
**GUNTER AXT**  
**RENATA BRAUNER FERREIRA**  
**(Orgs.)**



#### Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Fabiane Tejada da Silveira*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

---

#### Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner*

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos*

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello*

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR), Walter Ruben Iriondo Otero e Rafael de Avila Delucis*

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Tatiane Kuka Valente Gandra e Jucimara Baldissarelli*

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria das Graças Pinto de Britto*

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte (TITULAR) e Lucia Maria Vaz Peres*

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes*

---

**VIVER E MORRER NA PESTE**

**EPIDEMIA NA HISTÓRIA**

Fábio Vergara Cerqueira  
Gunter Axt  
Renata Brauner Ferreira  
(Orgs.)

Pelotas  
2021





Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto  
Pelotas, RS - Brasil  
Fone +55 (53)3284 1684  
editora.ufpel@gmail.com

#### **Chefia**

*Ana da Rosa Bandeira*  
Editora-Chefe

#### **Seção de Pré-Produção**

*Isabel Cochrane*  
Administrativo

#### **Seção de Produção**

*Suelen Aires Böettge*

Administrativo

*Anelise Heidrich*

Revisão

*Angélica Knuth (Estagiária)*

Design Editorial

#### **Seção de Pós-Produção**

*Morgana Riva*

Assessoria

*Madelon Schimmelpfennig Lopes*

*Eliana Peter Braz*

Administrativo

#### **Revisão Técnica**

*Ana da Rosa Bandeira*

#### **Revisão Ortográfica**

*Anelise Heidrich*

#### **Revisão de linguagem técnica**

#### **Consultora para terminologia**

#### **médica e biológica**

*Christine Janczur*

#### **Projeto Gráfico & Capa**

*Angélica Knuth*

#### **Imagem da Capa**

Juan Manuel Blanes. *Un episodio de la fiebre amarilla en Buenos Aires* (1871). Montevideu, Museo Nacional de Artes Visuales.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

E64 Epidemia na história [recurso eletrônico] / organizadores Fábio Vergara Cerqueira, Gunter Axt, Renata Brauner Ferreira. - Pelotas : Ed. UFPel, 2021.

454 p. : il. - (Viver e Morrer na Peste; v. 01)

Coordenador da coleção: Fábio Vergara Cerqueira.

E-book (PDF) ; 110 MB

ISBN: 978-65-86440-59-1

1. História. 2. Epidemias. 3. Sociedade. 4. Civilizações. 5. Covid-19. I. Cerqueira, Fábio Vergara, org. II. Axt, Gunter, org. III. Ferreira, Renata Brauner, org. IV. Título.

CDD: 904

# 01

## **EPIDEMIA NO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA: ISOLAMENTO SOCIAL NA MESOPOTÂMIA**

**KATIA MARIA PAIM POZZER**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
katia.pozzer@ufrgs.br

A história da humanidade também é a história das doenças que acometeram os homens e mulheres de todos os tempos. Para responder ao desafio proposto pelos organizadores deste livro, apresento uma discussão sobre epidemias, com tradução e análise de documentos, em uma das primeiras civilizações da História – a Mesopotâmica.

A Mesopotâmia, ou o “país entre rios”, como foi chamado pelos gregos, indica o território do atual Iraque e parte da Síria, no vale fluvial do Tigre e do Eufrates. Na Antiguidade, essa região foi palco de importantes culturas, como a suméria, a babilônica e a assíria (Figura 1).

Foi na Mesopotâmia que foram criados os fundamentos da civilização, com a invenção das cidades, da escrita, da literatura, do direito e das ciências (matemática, medicina, astronomia, etc.). As primeiras cidades surgiram entre 4.000 e 3.000 a.C. (antes de Cristo), junto ao Golfo Pérsico. Elas se desenvolveram rapidamente e, por volta de 2.800 a.C., iniciaram disputas pelo domínio político de territórios. O resultado dessas guerras transformou o desenvolvimento dessas cidades, pois as revoltas no interior do país levaram a uma migração significativa dos habitantes do campo para a cidade, fazendo com que a maioria da população se tornasse urbana. Do ponto de vista arquitetônico, foram construídas grandes muralhas para garantir a segurança dessas cidades, definindo assim a diferença entre o espaço urbano e o rural. As necessidades de guerra exigiram um maior desenvolvimento da autoridade política e militar, fazendo surgir uma instituição urbana muito importante – o palácio<sup>1</sup>.



**FIGURA 1**  
 MAPA DOS IMPÉRIOS DA MESOPOTÂMIA<sup>2</sup>.

E foi numa dessas cidades, mais precisamente no sítio arqueológico de Mari, que foram encontrados os documentos que nos falam de circunstâncias de doenças e epidemias que iremos analisar. Mas antes disso, precisamos contar um pouco da história dessa importante metrópole.

Mari, cujo nome atual é Tell Hariri, situa-se na Síria e foi uma influente cidade-Estado, na margem ocidental do rio Eufrates, a cerca de 30 km da fronteira com o Iraque (Figura 2). A descoberta de Mari, em 1933, forneceu muitas informações sobre a região, pois ali foram encontrados mais de 25.000 tabletes em argila<sup>3</sup> com dados sobre a administração do Estado durante o segundo milênio a.C. Esses documentos falavam da natureza das relações diplomáticas entre as entidades políticas na região e revelaram as amplas redes de comércio do século XVIII a.C., que conectavam áreas como o longínquo Afeganistão, o sul da Ásia e a ilha de Creta, no Mediterrâneo, mostrando que o mundo, na época, já era globalizado. Mari foi uma importante cidade-estado que deteve a hegemonia política sobre uma vasta região, englobando as cidades de Terqa, Tuttul e Emar (Figura 2).



**FIGURA 2**  
LOCALIZAÇÃO DO REINO DE MARI<sup>4</sup>.

As escavações, de 1933 até os dias de hoje, revelaram documentos, escritos na língua acádica, datados do período babilônico antigo (1800-1750 a.C.) que forneceram informações sobre a vida cotidiana, as relações diplomáticas e o funcionamento dos palácios. A maioria dos artefatos descobertos estão atualmente guardados nos principais museus da Síria, como no Museu Nacional de Damasco, no Museu Nacional de Aleppo, no Museu de Deir Zor e, também no Museu do Louvre, em Paris, França.

### **O IMAGINÁRIO MESOPOTÂMICO**

Para os antigos mesopotâmicos, a vida dos homens era comandada pela vontade dos deuses, fossem eles habitantes dos céus ou dos infernos. Eles acreditavam que tudo que acontecia era um ato ou uma vontade de alguma divindade<sup>5</sup>. Em um mundo ameaçado por demônios sobrenaturais e feiticeiros, onde o passado, o presente e o futuro estavam inextricavelmente interligados, o uso da magia para confortar e/ou curar os males humanos foi bastante disseminado<sup>6</sup>. A magia estava plenamente integrada na vida cotidiana, pois poderia ser usada para se proteger contra os demônios, para curar doenças, aumentar a potência sexual, conquistar a paixão de alguém, acal-

mar o choro das crianças, impedir os males provocados por feiticeiros hostis, além de muitas outras funções.

Juntamente com a magia eles praticavam a medicina. A origem da medicina mesopotâmica é atestada em documentos que datam da metade do III milênio a.C. A medicina “científica” e a medicina mágica coexistiram e foram utilizadas de maneira complementar<sup>7</sup>. Sabemos que o médico<sup>8</sup> era formado por um mestre que praticava a medicina ou por uma escola e que, alguns, se tornavam especialistas, como “o médico dos olhos”<sup>9</sup>. Já o mágico<sup>10</sup> era um integrante do corpo de funcionários do templo e estava ligado ao clero. O conhecimento prático de remédios, a partir de ervas, bem como o conhecimento cirúrgico, existiu na antiga Mesopotâmia, mas as causas das doenças<sup>11</sup> do corpo, do espírito e do “coração” (como dores, tristezas, privações e desgraças) eram imputadas à ação divina ou demoníaca – sendo os demônios apenas agentes das decisões dos deuses na punição dos pecados<sup>12</sup>.

Assim como nos dias de hoje, na antiga Mesopotâmia, o ideal de vida era poder usufruir de boa saúde, ter alegrias, ter a proteção bondosa dos deuses, satisfazer as necessidades humanas básicas e gozar de uma vida longa, com vários descendentes. Um pequeno texto, atribuído a Adad-guppi, mãe do rei Nabonida de Babilônia (séc. V a.C.) exemplifica esta visão<sup>13</sup>:

Ela [a deusa Lua] deu-me mais dias e anos de felicidade [em minha vida] e me protegeu em vida... cento e quatro anos felizes... Minha visão era boa, meus ouvidos excelentes, minhas mãos e pés estavam firmes, minhas palavras escolhidas, comida e bebida eram-me fornecidos, minha saúde era ótima e minha mente feliz. Eu vi meu tataraneto, além da quarta geração, em boa saúde e eles me cuidaram na velhice.

## DOENÇAS E EPIDEMIAS

Como vimos, os antigos habitantes da Mesopotâmia tinham uma grande preocupação com as doenças e as epidemias e os governantes deveriam zelar pela saúde de todos. Ainda que seja difícil falarmos de saúde pública ou medicina preventiva, enquanto uma política de governo, observamos, através de documentos, que existiram estratégias de controle de doenças.

Apresentaremos, a seguir, documentos encontrados na cidade de Mari, pertencentes ao reinado de Zimrî-Lîm (1780-1758 a.C.), que trazem luz sobre o tema. As escavações arqueológicas empreendidas no início do século XX foram identificados como pertencentes à Biblioteca Real de Mari e não possuem data<sup>14</sup>.

Trata-se de sete cartas, divididas em dois grupos<sup>15</sup>. Esses textos nos falam de situações de calamidade pública e de medidas recomendadas à população para evitar a proliferação de doenças contagiosas.



A narrativa evidencia a gravidade da situação sanitária, que levou a população a abandonar a cidade e se refugiar nas montanhas de Lasqum. É importante destacar o emprego da palavra *kurullu*<sup>19</sup>, aqui traduzida como “um amontoado de mortos”, e que tem o sentido de calamidade ou catástrofe. A ideia da tragédia é reforçada pelo detalhamento da crise ao dizer que, em apenas dois dias, vinte pessoas morreram em decorrência da doença. O governador informa que as cidades se encontravam com níveis de contágio diferentes, umas em situações mais críticas do que outras.

#### CARTA Nº 2

Diga a meu Senhor: assim fala Kibrî-Dagan, teu servidor. Dagan e Ikrub-El vão bem. A cidade de Terqa e o distrito, vai tudo bem.

Outra coisa: o deus decidiu devorar bois e [a] população em Kulhîtum; em um só dia 2 a 3 homens morreram.

A carta nº 2 foi enviada ao rei Zimrî-Lîm<sup>20</sup> pelo governador de Terqa, Kibrî-Dagan. O governador informa que vão bem as cidades menores de Dagan e Ikrub-El, assim como todo o distrito de Terqa; isto é, que não havia nenhum distúrbio político maior, nem revolta social. No entanto, o dirigente relata a existência de uma epidemia que atinge não só seres humanos, mas também os animais. A cidade mencionada, Kulhîtum, fazia parte do domínio de Terqa.

Como vimos na introdução deste capítulo, os mesopotâmicos acreditavam que as doenças eram castigos divinos por conta das más ações da humanidade. Assim, quando a carta diz que “o deus decidiu devorar bois e a população”, devemos compreender que há mortes de homens e outros animais sem que haja uma explicação para tal.

A existência de uma doença que ataca homens e outros animais é comprovada. Ela é conhecida como carbúnculo e é causada por uma bactéria, que pode ser encontrada em animais herbívoros, domésticos ou selvagens. A contaminação entre humanos pode se dar pela ingestão de carne contaminada ou contato com lã, osso ou pelo do animal<sup>21</sup>.

#### CARTA Nº 3

Diga a meu Senhor: assim fala Kibrî-Dagan, teu servidor. Dagan e Ikrub-El vão bem. A cidade de Terqa e o distrito, tudo bem.

Outra coisa: a senhora Kunšîm-Mâtum está doente já faz quatro dias. Se tivesse tido uma indisposição, seria apenas um mal-estar de um ou dois dias que teria lhe acometido. Como eu não havia ainda escrito a meu Senhor, agora meu Senhor está informado.

Nesta outra missiva o governador replica a fórmula inicial, dizendo que tudo está bem em seu distrito, mas sinaliza o adoecimento de uma mulher, a senhora Kunšîm-Mâtum. Não temos outras informações acerca dessa personagem, mas podemos avançar a hipótese de que se trata de uma dama da corte, provavelmente integrante do harém de Zimrî-Lîm. Nota-se a preocupação de Kibrî-Dagan, pois está convencido de que não se trata de uma simples indisposição, mas sim de uma doença mais grave.

#### CARTA Nº 4

Diga a meu Senhor: assim fala Kibrî-Dagan, teu servidor. A senhora Kunšîm-Mâtum estava doente, mas se restabeleceu.

Eu pedi que fossem feitos presságios sobre a sua saúde: eles são saudáveis; que meu Senhor não tenha mais preocupações.

Esta breve correspondência é a sequência da carta anterior e anuncia a cura da doença de Kunšîm-Mâtum. O dirigente indica que, a seu pedido, os adivinhos fizeram presságios evidenciando uma atenção particular à dama e tranquilizando o rei quanto à saúde dela.

O segundo conjunto de documentos é formado por um dossiê de correspondência feminina<sup>22</sup>, constituído por três cartas. Sabemos que rainhas e princesas não habitavam permanentemente o palácio real, pois elas tinham suas próprias moradias. Acredita-se, portanto, que parte desta documentação não se encontrava no Grande Palácio Real de Mari, mas em residências privadas<sup>23</sup>.

Estas missivas falam de uma epidemia no palácio e destacam a ideia de que a doença se propagou por si e que é necessário isolar os doentes. Elas indicam, também, que não havia cura para a doença e era preciso reduzir os danos sanitários.

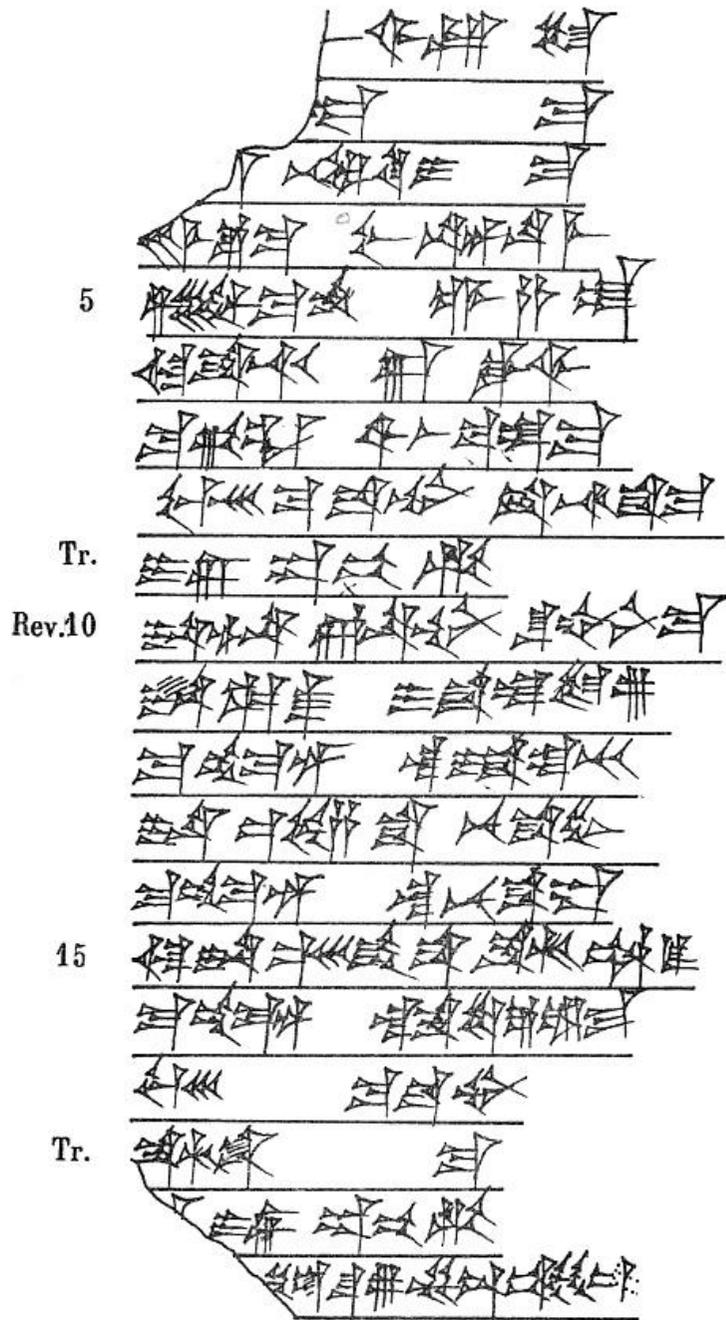
#### CARTA Nº 5

Diga a meu Senhor: assim fala Šibtu, tua servidora. O palácio está em boa saúde, os templos e os ateliês do palácio estão em boa saúde. [...] *lacuna*. Disseram-me: “A mulher, mesmo se a tocarmos, [ela] não viverá”.

Eu perguntei seu nome. Esta mulher é Aštakka. Por enquanto, eu a coloquei nos prédios novos. Ela tomou sua cerveja e (comeu) seu pão separadamente. Ninguém deve se aproximar de sua cama ou de sua cadeira. É preciso que o Senhor volte e faça o que melhor lhe aprouver.

A carta é enviada pela rainha Šibtu, originária de Alep e casada com Zimrî-Lîm. Segundo os costumes da época, se constituíam alianças políticas entre reinos através de casamentos arranjados. A missiva foi, provavelmente, endereçada ao rei, que de-

veria estar ausente do palácio, em viagem. Possivelmente na lacuna deveria constar o diagnóstico e a avaliação dos médicos sobre a gravidade do caso. A expressão “mesmo se a tocarmos, não viverá” faz referência a um possível tratamento médico que seria ineficaz.



**FIGURA 4**  
CÓPIA MANUSCRITA DO TABLETE CUNEIFORME. PROVENIENTE DE MARI,  
ATUAL TELL HARIRI. DEIR ZOR (SÍRIA), MUSEU NACIONAL<sup>24</sup>.

O nome da paciente é de origem estrangeira, hurrita, e significa “pequena mulher”. Isto pode ser explicado pelo fato de que o final do reinado de Zimrî-Lîm foi marcado por conquistas territoriais que levaram a um movimento de deportação em massa de populações<sup>25</sup>.

A expressão “o palácio está em boa saúde, os templos e os ateliês do palácio estão em boa saúde” é uma clara alusão à estabilidade política reinante e ao bom funcionamento de importantes setores da economia (ateliês do palácio), onde boa parte da produção artesanal era realizada.

Já a referência ao consumo de pão e de cerveja diz respeito aos alimentos básicos de consumo cotidiano, que poderiam ser acompanhados de porções de peixe seco, e seria o equivalente à cesta básica brasileira.

#### CARTA N° 6

Diga à Šibtu: assim fala teu Senhor. Eu soube que Nannâ sofria da doença-*simum*. Que ela não frequente nenhum lugar do palácio; nem fique em contato com numerosas mulheres.

À presente, dê ordens estritas: que ninguém beba na taça que ela bebe, que ninguém sente na cadeira que ela senta e que ninguém se deite no leito que ela dorme, para que ela não contamine, pelo seu simples contato, numerosas outras mulheres. Esta (doença) *simum* se adquire facilmente.

Sem dúvida, temos aqui (Figura 4) um dos documentos mais impressionantes do dossiê. A carta foi enviada pelo rei Zimrî-Lîm e está endereçada à rainha Šibtu, que dirigia os assuntos do palácio na ausência do rei. O monarca dá ordens estritas para que seja feito o isolamento social, evitando aglomerações, e que a paciente, que foi identificada como a senhora Nannâ, permaneça isolada.

Percebe-se que eles já tinham conhecimento da doença-*simum*, assim como o seu processo de contágio, que se dava através do contato físico. Daí a justificativa para que fosse proibido o compartilhamento de objetos de uso pessoal, como a taça, a cadeira e a cama. O rei finaliza a carta chamando a atenção que esta doença tem alto índice de contaminação quando diz “Esta *simum* se adquire facilmente”.

Existe, entre os especialistas, uma discussão acerca da tradução correta do termo *simum*<sup>26</sup>. Em um dos primeiros estudos sobre o tema, Neufeld examina a questão e sugere que seja um tipo de dermatite ou lesão de pele<sup>27</sup>, sem indicar, contudo, o *Chicago Assyrian Dictionary*, que o traduz por carbúnculo. Trata-se de uma doença infecciosa gravíssima, mais recentemente conhecida por antraz, que provocaria lesões na pele, inflamação dos gânglios, febre e quadros pulmonares severos que levariam à morte<sup>28</sup>.

**CARTA Nº 7**

À propósito de Summudum, objeto de tua carta, por causa da doença desta mulher, muitas mulheres ficarão enfermas desta doença-*simmum*. É obrigatório que esta mulher habite em um quarto separado. Que ninguém a visite! Mas se, como eu receio, [que] não exista uma peça separada, [e] que a partir dos presságios negativos referentes à Summudum, por quê se ocupar desta mulher? Que ela morra ou que ela viva, as [outras] mulheres, no entanto, ficarão enfermas desta doença-*simmum*. Então, que esta mulher morra, mas somente ela! (...).

A última missiva também foi enviada pelo rei, no entanto o destinatário não está identificado. Porém está claro que é a resposta a uma carta enviada pelo palácio, informando o adoecimento de uma mulher chamada Summudum.

Novamente a preocupação do soberano é com o risco de contágio da doença e ele, mais uma vez, impõe o distanciamento social e o isolamento do paciente. Aqui é evocada uma situação dramática, de forma direta: a decisão sobre quem pode morrer e quem pode viver, quando não existem condições para realizar os cuidados de todos os doentes.

Se, além da falta de equipamentos materiais, como a inexistência de um quarto para manter a paciente isolada, os presságios não lhe foram favoráveis, é preferível que ela fique afastada de todos e morra. Ainda que a medida pareça cruel, a preocupação maior é evitar o contágio do restante da população.

**CONCLUSÃO**

As sete cartas encontradas na cidade-Estado de Mari e datadas de aproximadamente 1780 e 1758 a.C., revelam-nos como as autoridades reagiram frente a uma epidemia e nos fazem refletir sobre o que estamos vivendo em 2020 d.C. no mundo e no Brasil em particular.

Nos parece surpreendente que uma das primeiras civilizações da História – a mesopotâmica, que acreditava que a vida na terra era governada por divindades que habitavam os céus, também tivesse procedimentos científicos, baseados na observação dos fenômenos, em relação às doenças e epidemias. A questão da saúde pública era uma preocupação de reis, rainhas e governadores, uma vez que compartilhavam informações sobre os casos de risco de epidemias e preconizavam políticas de saúde que hoje chamaríamos de medicina preventiva.

Estes documentos evocam uma devastadora epidemia que acometeu inúmeros centros urbanos, doentes que se recuperaram, oferecem uma espécie de boletim explicativo com dados sobre a epidemia, informam sobre a evolução dos doentes aos

seus familiares, sendo alguns de maior gravidade. Eles alertam que a doença pode ser transmitida facilmente de uma pessoa para outra e, é imperativo, que os doentes fiquem em isolamento social para evitar o contágio da população saudável.

A primeira carta comunica uma epidemia que atinge várias cidades de uma mesma região, com alto índice de mortalidade. A segunda carta relata que a província e as principais cidades estão bem, mas em uma localidade é confirmada a existência de uma epidemia que ataca homens e animais e informa o número de mortes.

As cartas 3 e 4 dão conta da enfermidade de uma dama do palácio e que não se tratava de apenas um mal-estar passageiro (ou “uma gripezinha”, como ouvimos no Brasil recentemente), mas sim de uma séria moléstia. Contudo a paciente se recupera e fica em bom estado de saúde.

A quinta carta, escrita pela rainha Šibtu e dirigida ao rei, notifica a condição de “boa saúde do palácio, dos templos e dos ateliês”, isto é, informa que a situação política e econômica está bem. Mas a missiva também menciona, com detalhes, o estado de saúde de uma mulher estrangeira, possivelmente refugiada em Mari. Seu caso é muito grave e o prognóstico é que ela não sobreviverá, apesar do tratamento médico. A rainha informa que já tomou medidas severas de isolamento da paciente.

As cartas 6 e 7, enviadas pelo soberano, também nomeiam pacientes mulheres que foram acometidas pelo antraz, uma doença infecciosa de grande magnitude e altíssima taxa de mortalidade. O rei é veemente e emite uma mensagem clara sobre o perigo de contágio da doença. E, para prevenir a epidemia, ele ordena o confinamento social e o isolamento total dos pacientes, com interdição de convívio com outras pessoas que não aquelas que realizam o cuidado. O soberano evoca, ainda, uma conjuntura terrível, decorrente da falta de condições materiais de tratamento, fazendo-se necessário escolher quais os pacientes que viveriam e quais os que morreriam.

A pandemia da Covid-19 que assola o planeta e que, nos primeiros meses do ano de 2020 d.C., já fez mais de 300.000 mortes<sup>29</sup>, impôs o maior isolamento social jamais vivido na história da humanidade.

O confinamento social é uma prática recorrente na saúde pública, ao longo da história, nos diversos períodos e espaços geográficos. Ele é a principal medida para se lutar contra as epidemias, quando não existe um medicamento ou uma vacina para combater o mal.

Os documentos epistolares de Mari tratam de questões que, há quase 5.000 anos, continuam nos afligindo, pois são muitos os paralelos e as semelhanças com o que vivemos no Brasil nos dias de hoje. Nestes textos fica evidente que havia a preocupação fundamental com a preservação da vida, quando os governantes decidiram

decretar medidas de isolamento sanitário, recomendar o cuidado dos doentes, fornecer informações sobre o número de mortes e sobre a evolução do estado de saúde dos pacientes, reconhecer a gravidade das doenças e, sobretudo, impor o confinamento social para evitar, a todo o preço, a propagação da epidemia, que trazia consigo mais dor e sofrimento para a população.

Isso tudo é o que esperaríamos, também, do poder público brasileiro. No entanto, assistimos, horrorizados, o desdém pelas vidas humanas expresso pelo presidente da república, enquanto os profissionais da saúde têm feito muito além do possível para proteger e atender a população, ao risco de suas próprias vidas.

**NOTAS**

1. Pozzer, 2010.
2. Fonte: La Edad Antigua. Mesopotamia. In: Didáctica de las Ciencias Sociales: Historia. 23 maio 2014. Disponível em: <http://bloghistorianoelia.blogspot.com/2014/05/>. Acesso em: 17 maio 2020.
3. O tablete de argila possui forma retangular ou quadrada, podendo variar de 3cm a mais de 50cm de altura.
4. Fonte: Localização do Segundo Reinado Mariota, In: Wikipédia, s.v. “Mari (Síria)” ©wiki-commons. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mari\\_\(S%C3%ADria\)#/media/Ficheiro:Second\\_Mariote\\_kingdom.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mari_(S%C3%ADria)#/media/Ficheiro:Second_Mariote_kingdom.png). Acesso em: 17 maio 2020.
5. Bottéro, 1987, p. 157-169.
6. Bottéro, 1992, p. 216.
7. Biggs, 1987-1990, p. 623.
8. CAD A/II 344, em acádico de *asû*. O CAD A/II 344 apresenta a palavra *asâtu* como o feminino de *asû*, demonstrando a existência de médicas mulheres. CAD é a abreviatura para *Chicago Assyrian Dictionary*.
9. O Código de Hammu-rabi, em seus parágrafos de nº 215 a 223, regula a profissão de médico e prevê o pagamento de honorários. Ver: Bouzon, 2000, p. 188-190.
10. CAD A/II 431, em acádico de *(w)āšipu*.
11. CAD D 143, em acádico *dimîtu*.
12. Bottéro, 1992, p. 206.
13. Sasson, 2000, p. 1912.
14. Durand, 1997, p. 25.
15. A presente versão, inédita em língua portuguesa, foi realizada a partir dos textos acádicos e cotejada com traduções em língua francesa em ARCHIBAB e em Durand, 1997 e 2000.
16. Este personagem aparece em outros documentos ocupando o cargo de embaixador de Mari em Babilônia, junto à corte de Hammu-rabi. Ver: Durand, 1997, p. 597.
17. Bryce, 2012, p. 203.
18. Fonte: Bryce, 2012, p. xxxiii. Digitalizado.
19. CAD K 573.

20. Acredita-se que o rei encontrava-se provavelmente em Alep, em campanha militar.
21. Santos, 2008, p. 2.
22. Por correspondência feminina da corte de Mari, entendem-se as cartas endereçadas e/ou enviadas às mulheres.
23. Durand, 2000, p. 343.
24. Fonte: Syrian Digital Library of Cuneiform. Disponível em: [https://cdli.ucla.edu/search/archival\\_view.php?ObjectID=P350093](https://cdli.ucla.edu/search/archival_view.php?ObjectID=P350093). Acesso em: 13 abr. 2021.
25. Durand, 2000, p. 344.
26. CAD S 276.
27. Neufeld, 1986, p. 53-66.
28. Cardoso & Vieira, 2015.
29. Dados da Organização Mundial da Saúde de 15 de maio de 2020.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

ARCHIBAB. *Archives Babylonniennes (XX-XVII siècles av.-J.-C.)*. Disponível em: <http://www.archibab.fr/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DURAND, J.-M. *Les Documents Épistolaires du Palais de Mari. LAPO I*. Paris: Éditions du Cerf, 1997.  
 \_\_\_\_\_ . *Les Documents Épistolaires du Palais de Mari. LAPO III*. Paris: Éditions du Cerf, 2000.

SYRIAN DIGITAL LIBRARY OF CUNEIFORM. Disponível em: [https://cdli.ucla.edu/search/search\\_results.php?Collection=der-ez-zor&Provenience=Mari](https://cdli.ucla.edu/search/search_results.php?Collection=der-ez-zor&Provenience=Mari). Acesso em: 17 maio 2020.

### DICIONÁRIOS

JOANNÈS, F. (éd.). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Éditions Robert Lafont, 2001.

CAD. *Chicago Assyrian Dictionary*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGGS, R.D. s.v. “Medizin”. *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*. Berlin-New York, v. 7, 1987-1990, p. 623-629.

BLACK, J. & GREEN, A. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press, 1998.

BOTTÉRO, J. *L'Écriture, la raison et les dieux*. Paris: Éditions Gallimard, 1987.

\_\_\_\_\_. Magie et médecine à Babylone. In: Jean Bottéro (org). *Initiation à l'Orient ancien*. De Sumer à la Bible. Paris: Éditions du Seuil, 1992, p. 205-224.

BOUZON, E. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRYCE, T. *The Routledge Handbook of The Peoples and Places of Ancient Western Asia*. London and New York: Routledge, 2012.

CARDOSO, T.A.O. & VIEIRA, D.N. *Bacillus anthracis* como ameaça terrorista. *Saúde e Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 107, p. 1138-1148, out./dez. 2020. Disponível em: <http://revista.saudeemdebate.org.br/sed>. Acesso em: 15 maio 2020.

MAPA *Mapa dos Impérios da Mesopotâmia*. Disponível em: <http://arxif.com/arxif/las-primeras-facturas-de-la-historia/>. 26/07/2017. Acesso em: 03 maio 2020.

MARI. *Mari (Tell Hariri)*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/tentativelists/1294/>. Acesso em: 02 maio 2020.

NEUFELD, E. The Earliest Document of a Case of Contagious Disease in Mesopotamia (Mari Tablet ARM X, 129). *Journal of the Ancient Near Eastern Society*, v. 18, n. 1, p. 53-66, 1986. Disponível em: <https://janes.scholasticahq.com/issue/468>. Acesso em: 17 maio 2020.

POZZER, K.M.P. Babel e a representação do sagrado na Cidade Antiga. In: Gabriele Cornelli (org.). *Representações da Cidade Antiga: categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Classica Digitalia, 2010.

SANTOS, L. et al. Carbúnculo Hemático. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*. Ano VI, n. 10, p. 1-5, jan. 2008. Disponível em: [www.revista.inf.br](http://www.revista.inf.br). Acesso em: 15 maio 2020.

SASSON, J. M. (Ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000.

**TABELA DE CORRESPONDÊNCIA DOS TEXTOS**

NÚMERO DA CARTA	REFERÊNCIA
1	ARCHIBAB: T7415 ARM 26/1 259
2	LAPO I 64 N° 173 P. 308 ARCHIBAB: T8091
3	LAPO I 63 N° 175 P. 309. ARCHIBAB: T8093
4	LAPO I N° 176 P. 309. ARCHIBAB: T8094
5	LAPO III N° 1163 P. 344.
6	LAPO III N° 1164 P. 345. ARCHIBAB: T8685
7	LAPO III 1165 P. 346 ARCHIBAB: T8686